

Construção do Rio Grande do Sul pode iniciar recuperação em 2018

Os resultados do comércio exterior do RS em janeiro: boas notícias

Receitas de ICMS se elevaram em 2017

Indicador do Banco Central aponta que país cresceu 1,04% em 2017

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Construção do Rio Grande do Sul pode iniciar recuperação em 2018

A Indústria do Rio Grande do Sul vive um processo de recuperação lenta e gradual das perdas registradas entre 2014 e 2016. Enquanto alguns setores iniciaram sua recuperação em 2017, a Construção deverá fechar o quarto ano consecutivo de recessão.

Os dados da FEE mostram que no acumulado de 2017 até o terceiro trimestre (última informação disponível), o PIB da Construção caiu 4,2%, resultado que adiciona novas perdas ao já expressivo recuo de 12,1% entre 2014 e 2016. A Transformação, apesar de ter caído mais do que a Construção entre 2014 e 2016 (-20,8%), já iniciou o processo de retomada, ao crescer 0,9% até o terceiro trimestre de 2017.

Como a Construção é muito intensiva em mão de obra, também é possível analisar a atividade do setor através da dinâmica do emprego. As estatísticas do CAGED mostram que desde o pico do número de vínculos formais de trabalho, em abril de 2014, o estoque de trabalhadores do RS caiu 17,7% no caso da Transformação e 30,5% na Construção.

Mensalmente, a FIERGS conduz junto aos empresários a Sondagem da Construção, pesquisa qualitativa que visa obter um termômetro da atividade do setor. O último levantamento, referente ao mês de dezembro, mostra que a atividade encerrou o ano bem abaixo do patamar considerado usual (38,2 pontos, distante dos 50, que indica adequação ao nível

esperado). Esse dado reforça a tendência de queda esperada para o PIB no quarto trimestre de 2017, cuja confirmação virá em março.

Para 2018, a expectativa é de melhora da situação da Construção. No caso das famílias, o aumento da renda real (acima da inflação) e a melhora da situação financeira abrem espaço para a tomada de novas dívidas imobiliárias. Os juros bancários, por sua vez, acompanham com defasagem os movimentos da Taxa SELIC, e, portanto, ainda não incorporaram toda a extensão do ciclo de afrouxamento monetário iniciado no fim de 2016. Essa redução no custo do crédito também favorecerá o setor. Por outro lado, a confiança do consumidor ainda está em patamares baixos, enquanto o medo do desemprego permanece em níveis próximos ao recorde, de acordo com os levantamentos da CNI.

No que tange às obras de infraestrutura, a perspectiva não é animadora. Isso porque a crise das finanças do estado é estrutural, comprimindo totalmente a margem para investimentos. As recentes concessões do governo federal envolvendo o RS devem ajudar em alguma medida, mas os benefícios serão dispersos ao longo dos próximos anos. O cenário político incerto também contamina as expectativas, fazendo com os investimentos de longo prazo sejam adiados. Em suma, a Construção foi um dos últimos setores a entrar em crise, e será também um dos últimos a voltar a crescer.

Os resultados do comércio exterior do RS em janeiro: boas notícias

As exportações do Rio Grande do Sul somaram US\$ 1,285 bilhão em janeiro, o que representa aumento de 19,5% em relação ao mesmo mês de 2017. O valor foi o mais alto para o mês de toda a série histórica, iniciada em 1996.

A análise desagregada mostra que o grupo das commodities cresceu 34,0% (totalizando US\$ 217 milhões), quebrando o recorde do ano passado. O ótimo desempenho da soja (+46,6%) foi determinante para esse resultado.

Por sua vez, a indústria registrou US\$ 1,05 bilhão. Trata-se do nível mais elevado para o primeiro mês do ano desde 2012, no qual houve o pico dos embarques (US\$ 1,07 bilhão). No comparativo com janeiro do ano passado, a alta foi de 16,3%, maior do que a registrada em âmbito nacional pelo setor secundário: 12,5%.

Dos 23 segmentos que registraram alguma operação de exportação em janeiro, 15 tiveram alta, enquanto 4 tiveram baixa e 4 se mantiveram estáveis. Os grandes destaques ficaram por conta de Tabaco (+167,3%) e Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias (+88,2%).

No primeiro caso, o crescimento favorecido pela pequena base de comparação: em janeiro de 2017, o valor exportado (US\$ 48,6 milhões) havia sido o mais

baixo para o mês desde 2011. Após duas quedas muito fortes da produção industrial em 2015 e 2016 (-14,1% e -31,0%, respectivamente), a atividade do setor no RS devolveu parte das perdas no ano passado (+38,1%). Ou seja, a herança estatística carregada para 2018 ainda é favorável.

No segundo caso, Veículos teve o melhor janeiro de toda a série histórica, por conta do aumento das compra da Argentina em 128,7%. A perspectiva de sustentação do crescimento econômico do país vizinho devem ajudar o setor a ter mais um bom ano.

O resultado da indústria só não foi melhor por conta do desempenho dos Produtos alimentícios (-10,5%), em função das perdas com óleo e farelo de soja.

Ainda sobre janeiro, as importações totais foram de US\$ 660 milhões: o maior valor para o mês desde 2015. O incremento foi de 10,7% em relação a 2017. As influências positivas vieram de Combustíveis e lubrificantes (+157,1%), Bens de consumo (+32,0%) e Bens de capital (+18,3%). Já os Bens intermediários sofreram recuo de -3,8%. As compras no exterior devem seguir em elevação em 2018, por conta da aceleração do crescimento econômico e do alto nível de confiança do empresariado.

Receitas de ICMS se elevaram em 2017

Diante da crise fiscal que se abate sobre o Rio Grande do Sul, é fundamental fazer um acompanhamento da arrecadação do estado. Utilizando dados da SEFAZ-RS, podemos verificar como evoluiu a arrecadação do ICMS em 2017, a principal receita do estado. Além disso, desagregando os dados por atividade econômica, obtemos também um indicador razoável do aquecimento dos respectivos mercados.

Em termos reais, arrecadação total cresceu 1,4% em 2017, impulsionada pelo processo de recuperação da economia estadual. Entre os grandes setores, o maior responsável pelo resultado foram os Serviços, com 5,2% de crescimento real em 2017. O comércio varejista apresentou a maior variação positiva dentro do setor (+14,0%), enquanto que os segmentos de Informação e comunicação foram o destaque negativo (-1,5%).

A arrecadação na Indústria caiu 1,2% em 2017, apontando para uma provável variação negativa do PIB do setor no ano passado. Tal retração se deve, principalmente, a queda de 12,3% nas receitas dos SIUP. Isso porque, considerando somente a Transformação, houve crescimento de 1,9% das receitas de ICMS. As maiores influências positivas vieram do setor de Bebidas (12,5%) e Químicos (29,8%). No campo negativo, chama à atenção a queda de 5,4% nos segmentos de Petróleo e biocombustíveis.

A arrecadação é pautada pela atividade econômica. Por isso, é provável que 2018 traga um acréscimo de

receitas maior para o estado, dando algum fôlego à gestão das finanças do estado.

Arrecadação de ICMS

(em R\$ milhões constantes - IPCA)

Setor	2016	2017	Var. (%)	Infl. (p.p.)
Agropecuária	204	177	-13,1	-0,1
Indústria	18.784	18.566	-1,2	-0,7
Extrativa	73	75	3,7	0,0
Transformação	14.665	14.943	1,9	0,9
Alimentos	1.825	1.782	-2,4	-0,1
Bebidas	1.666	1.874	12,5	0,7
Vestuário e têxtil	212	217	2,3	0,0
Couro e calçados	366	389	6,4	0,1
Celulose e papel	247	291	17,7	0,1
Petróleo e biocombustíveis	5.259	4.977	-5,4	-0,9
Químicos	1.033	1.341	29,8	1,0
Borracha e plástico	603	630	4,5	0,1
Minerais não metálicos	411	410	-0,1	0,0
Metalurgia	234	249	6,5	0,0
Produtos de metal (ex. máq. e equip.)	510	532	4,4	0,1
Máquinas e equipamentos	429	454	5,9	0,1
Veículos	594	594	0,0	0,0
Móveis	281	269	-4,1	0,0
Outros setores da transformação	997	935	-6,3	-0,2
SIUP	4.032	3.536	-12,3	-1,6
Construção civil	15	12	-17,7	0,0
Serviços	11.539	12.136	5,2	1,9
Comércio	8.521	9.119	7,0	1,9
Comércio e reparação de veículos	575	579	0,7	0,0
Atacado (ex. veículos)	5.299	5.521	4,2	0,7
Varejo	2.647	3.019	14,0	1,2
Transporte, armazenagem e correio	304	333	9,6	0,1
Alojamento e alimentação	142	151	6,1	0,0
Informação e comunicação	2.529	2.490	-1,5	-0,1
Outros serviços	43	43	-0,9	0,0
s/ cnae	1.109	1.215	9,6	0,3
Total	31.636	32.095	1,4	1,4

Fonte: SEFAZ-RS.

Indicador do Banco Central aponta que país cresceu 1,04% em 2017

Após três anos de queda, a atividade econômica brasileira voltou a crescer em 2017. É o que mostra o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), divulgado nesta segunda (19/02). O indicador acumulou alta de 1,04% em 2017, após quedas de 0,26%, 4,17% e 4,05% em 2014, 2015 e 2016, respectivamente. Em 2013, o crescimento foi de 2,91%. Esses números referem-se à série sem ajuste sazonal, pois consideram períodos iguais de tempo (ano contra ano).

Embora seja conhecido como “PIB do Banco Central”, o IBC-Br tem metodologia de cálculo distinta do PIB apurado pelo IBGE. Enquanto o PIB é a soma de todos os bens e serviços produzidos na economia durante determinado período, o IBC-Br é calculado com base em indicadores setoriais da economia. Dessa forma, ao analisar algumas das variáveis divulgadas pelo IBGE que compõem o índice, podemos observar quais os setores que estão puxando o crescimento.

A produção industrial, por exemplo, fechou o ano passado com crescimento de 2,47%, contribuindo decisivamente para o avanço do índice. Na mesma direção, o volume de vendas do comércio varejista encerrou 2017 com crescimento de 2,02%. Já o setor de serviços, por outro lado, teve comportamento contrário,

com recuo de 2,84%.

No trimestre encerrado em dezembro último, o IBC-Br apresentou crescimento de 2,56% na comparação com o mesmo período de 2016. Um exercício interessante na tentativa de estimar o PIB de 2017 é aplicar essa variação ao período em questão para a série do PIB. Fazendo isso, obtêm-se um crescimento estimado para 2017 de 1,09%, ligeiramente superior ao 1,03% projetado pelo consenso de mercado do Boletim Focus da última sexta-feira (16/02).

Deve ser levado em conta que as variações medidas pelo IBC-Br costumam ser mais voláteis do que as do PIB. Todavia, a elevada correlação entre as duas séries sugere um resultado bastante positivo no último trimestre de 2017. O resultado oficial do PIB será divulgado pelo IBGE na próxima quinta-feira (01/03).

Em dezembro, considerando a série com ajuste sazonal, o crescimento foi de 1,41% na comparação com o novembro. Além de ser a maior alta para o mês desde o início da série em 2003, foi o quarto crescimento consecutivo registrado nesse tipo de comparação, demonstrando que a recuperação está cada vez mais consolidada, mesmo que a passos lentos. Para o fechamento de 2018, as estimativas de mercado mais recentes apontam para um crescimento do PIB de 2,8%.